FEIJÃO

COMO RESULTADO DO APOIO GOVERNAMENTAL AO CULTIVO DO FEIJÃO, NO PAÍS, AS ÚLTIMAS SAFRAS DO PRODUTO APRESENTARAM RESULTADOS ELEVADOS, QUE ESPELHARAM OS AUMENTOS NA ÁREA PLANTADA COM A LEGUMINOSA, POIS A PRODUTIVIDADE PERMANECEU BAIXA. É POSSÍVEL QUE A MANUTENÇÃO DOS INCENTIVOS E AS CARACTERÍSTICAS DAS LAVOURAS COMPENSEM A BAIXA DOS PREÇOS NO MERCADO, VERIFICANDO-SE UM BOM PLANTIO NA SAFRA 1982/83.

O cultivo do feijão no Brasil é efetuado majoritariamente por pequenos produtores, por vezes de forma extremamente rudimentar (ver Quadro 1). Ao contrário de outras lavouras voltadas para o abastecimento interno (principalmente o arroz e, secundariamente, o milho) o perfil da produção feijoeira praticamente não se alterou, nos últimos anos, em termos gerais. Vale dizer, apenas com os recentes estímulos governamentais direcionados ao plantio desta leguminosa é que se iniciou uma melhoria tecnológica nas lavouras.

Diversos fatores contribuem para a permanência desta situação. Com efeito, o feijão é o "bem inferior" por excelência, ou seja, é um produto cujo consumo é associado à população de mais baixa renda, sendo substituído por outros alimentos, à medida em que aumentam os rendimentos reais de seus consumidores. Tal configuração inibe os investimentos em tecnologia por parte de produtores mais capitalizados, no sentido de aprimorar a qualidade de suas safras. Deste modo, ainda é incipiente a constituição de um segmento especializado entre os produtores de feijão, pelo fato de seus consumidores não constituírem, do mesmo modo, um amplo mercado para um produto melhor e mais caro. Na verdade, o feijão que chega aos consumidores urbanos resulta da produção excedente de uma miríade de pequenos agricultores, cujos baixos custos de produção permitem oferecer um produto relativamente barato.

No entanto, a vulnerabilidade das lavouras, por longo tempo carentes de um esforço da pesquisa fitogenética, freqüentemente acarreta elevações excessivas nos preços, induzindo à diminuição da presença do feijão na alimentação rotineira da população. Este fenômeno manifestou-se nos dois últimos anos-safra, com a grande ascensão dos preços em 1980 e a queda para um patamar inferior, mas ainda elevado, em 1981.

Atualmente, persiste a queda no consumo do produto, apesar de os preços prosseguirem em baixa e de a renda real dos consumidores não estar subindo, numa proporção tal, que possa explicar o recuo da demanda (o consumo aparente do produto reduziu-se dos 28,1 quilogramas per capita, de 1971, para 14 kg per capita, em 1980, segundo o Deral/PR).

Nos Quadros 2 e 3, estão listados os resultados das safras das águas e da seca do ano corrente, em ordem de volume da produção. No caso da produção nordestina, seu resultado final ainda não é conhecido, pois a colheita ainda não foi encerrada em parte da Bahia e nos estados de Sergipe, Alagoas e Pernambuco.

No entanto, o número final da safra 1981/82

QUADRO 1

BRASIL e Estados Selecionados — Distribuição dos Estabelecimentos Produtores e da Produção de Feijão, por Grupos de Área — 1975 — %

Estado	Menos de 10 ha		10 a 20 ha		20 a 100 ha		100 a 1.000 ha	
	Estab.	Produção	Estab.	Produção	Estab.	Produção	Estab.	Produção
Paraná	52	40	23	24	27	28	3	6
Bahia	56	39	14	15	24	32	6	14
Minas Gerais	27	13	17	11	38	36	17	34
Pernambuco	99	91	–	5	–	3	–	–
São Paulo	41	26	20	18	31	37	8	18
Santa Catarina	100	97	–	–	–	–	–	–
Ceará	49	24	16	14	25	30	9	21
Brasil	52	34	16	17	24	31	7	15

FONTE: Censo Agropecuário de 1975, FIBGE.

não deverá ser muito diferente das atuais estimativas. Segundo a Comissão de Financiamento da Produção, a oferta conjunta das duas safras totalizará 2,892 milhões de toneladas, que deverão atender a um consumo estimado em 2,56 milhões de t, propiciando a existência de um estoque final de 352,6 mil t, o maior dos últimos três anos. Cabe destacar, porém, que os dados da FIBGE referentes à produção das duas safras são ainda maiores do que os da CFP. De fato, aquele órgão estima a oferta total deste ano em 3,113 milhões de t (1,775 milhão na primeira safra e 1,338 milhão de t, na segunda).

Talvez nesta diferença de 221 mil t entre as avaliações possa ser encontrada a explicação — ou parte dela — para a existência de estoques governamentais maiores do que o esperado. Com efeito, embora o governo federal tenha-se tornado o maior detentor de estoques do produto, no país, em razão dos baixos preços vigentes no mercado, não se pensava que seus estoques alcançariam tal monta. Isto porque os preços deprimidos fizeram com que o Estado não apenas comprasse os excedentes, como substituísse, de fato, a iniciativa privada, na intermediação do produto.

Assim, ao final da primeira safra, em abril, esperava-se que houvesse um estoque remanescente de apenas 183 mil toneladas de feijão (resultantes da subtração do consumo semestral, no período entre novembro e abril, de 1,285 milhão de t, da oferta de 1,468 milhão de t da safra das águas). Todavia, o governo federal chegou àquele período com cerca de 600 mil t de feijão em mãos. Deste modo, pode-se considerar que a safra teria atingido uma dimensão ainda maior do que a estimada pela CFP, ou que o consumo, já retraído, não apresenta uma distribuição uniforme ao longo do ano.

De qualquer modo, não só os estoques governamentais continuam-se avolumando (foram compradas cerca de 800 mil t de feijão) como os preços do produto permanecem baixos. Diante do excesso de oferta no mercado, os leilões do governo apresentaram cotações cada vez mais baixas: Cr$ 70,00/kg, Cr$... 65,00, Cr$ 40,00/kg. Considerando-se que o feijão foi comprado pelo preço mínimo (Cr$ 3.709,80/60 kg na safra das águas e Cr$ 4.702,20/60 kg na safra da seca) a transferência do produto à iniciativa privada passou a embutir um subsídio crescente. Até o dia 20/8, a CFP havia vendido 102,6 mil t de feijão, por um preço médio de Cr$ 50,00/kg.

Atualmente, continua ingressando produto novo nos estoques do governo e, com o mercado bem abastecido, os preços médios recebidos pelos produtores (ver Quadro 4) situam-se próximos ao preço mí-

QUADRO 2

BRASIL: Estimativas de Área, Produção e Produtividade da Safra de Feijão das Águas – 1981/82

Estados	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)	Produtividade (kg/ha)
Paraná	835,0	626	750
Santa Catarina	248,0	243	980
São Paulo	304,5	198	650
Minas Gerais	305,4	149	490
Rio Grande do Sul	162,0	127	780
Bahia (sul)	464,0	70	150
Espírito Santo	49,7	26	520
Mato Grosso do Sul	22,0	12	550
Rio de Janeiro	11,0	7	600
Goiás	11,0	5	450
Mato Grosso	14,0	4	290
Distrito Federal	1,7	1	580
Brasil	2.428,3	1.468	605

FONTE: Comissão de Financiamento da Produção.

nimo, em quase todos os principais estados produtores.

Para a próxima safra, 1982/83, o governo federal optou por manter seu apoio ao plantio da leguminosa. Realmente, o feijão será a única das culturas de verão aquinhoada com o adiantamento integral dos valores básicos de custeio, independentemente da categoria do produtor, e o preço básico, a ser corrigido pelo INPC entre julho e outubro, foi considerado bom.

De fato, fixado em Cr$ 5.985,00/60 kg, com o reajuste pelo INPC de julho, já alcançou Cr$. . . 6.345,00, devendo superar os Cr$ 7.000,00/60 kg, em outubro. Quanto aos novos VBC's, a criação de uma nova faixa de produtividade, incorporando os produtores que registrarem mais de 1.500 kg/ha, além de um estímulo, espelha o fato de que se conta com um crescente aprimoramento tecnológico das lavouras. Registre-se que as faixas entre 1.001 e 1.500 kg/ha e acima de 1.500 kg/ha obtiveram um reajuste nominal, este ano, da ordem de 110,4% e 128,2%, respectivamente, sobre a maior faixa de produtividade da safra 1981/82, acima de 1.001 kg/ha.

Aliás, o desempenho da segunda safra do ano, a da seca, está sendo considerado muito positivo, no que diz respeito à produtividade das lavouras. No estado de Minas Gerais, maior produtor desta safra, a Comissão Estadual de Planejamento Agrícola tem divulgado avaliações mais otimistas do que as da CFP. A CEPA estima a área plantada do estado um pouco menor (445,3 mil ha) mas, como supõe que a produtividade deve ter alcançado 503 kg/ha, sua projeção para a produção mineira é de 224,16 mil t.

Tal situação tem contribuído para enfraquecer o mercado do produto no estado, em todos os níveis de comercialização. De acordo com a mesma fonte, o preço médio recebido pelo produtor mineiro de feijão permanece inferior ao obtido em igual período do ano passado. No atacado, apenas os feijões preto e rapé apresentaram altas, em junho, devido a quebras na colheita de ambos, no estado. As demais variedades apresentaram quedas em suas cotações. Quanto ao varejo, tem-se mantido estável, com alta em algumas variedades e sem grande influência baixista das vendas dos estoques do governo federal.

No Ceará, órgãos ligados à agricultura haviam projetado, no início da safra, uma produtividade (420 kg/ha), que não pôde ser conseguida, devido

QUADRO 3

BRASIL: Estimativas de Área, Produção e Produtividade da Safra de Feijão da Seca de 1982

Estados	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)	Produtividade (kg/ha)
Minas Gerais	446,5	205,4	460
Ceará	522,0	162,0	300
São Paulo	210,0	136,5	650
Pernambuco	300,0	105,0	350
Goiás	218,0	91,6	420
Santa Catarina	125,0	82,5	660
Alagoas	150,0	75,0	500
Paraíba	280,0	70,0	250
Piauí	218,5	65,6	300
Bahia (norte)	160,0	64,0	400
Maranhão	121,0	54,5	450
Paraná	90,0	45,0	500
Rondônia	68,0	43,5	640
Rio Grande do Norte	215,0	40,9	190
Espírito Santo	61,0	36,9	605
Mato Grosso	59,0	33,6	570
Sergipe	93,4	32,7	350
Rio Grande do Sul	51,0	25,5	500
Pará	32,0	17,5	550
Mato Grosso do Sul	30,2	16,6	550
Rio de Janeiro	17,0	9,8	575
Acre	9,0	5,4	600
Roraima	5,0	2,6	525
Amazonas	2,0	2,0	1.000
Brasil	3.483,6	1.424,1	409

FONTE: Comissão de Financiamento da Produção.

à estiagem e a ataques de algumas pragas. Mesmo a atual estimativa da produtividade (308 kg/ha, próxima à da CFP) representa a obtenção de uma grande safra (197 mil t, segundo a CEPA cearense). Curiosamente, apesar das divergências entre as fontes, seguindo-se as estimativas da CEPA (produção de 197 mil t e consumo de 176 mil t) chega-se a um excedente de 21 mil t e, de acordo com as da CFP (produção de 162 mil t e consumo de 146,3 mil t), a uma sobra de 16 mil t. Ou seja, ambas as fontes consideram folgada a situação do abastecimento do estado, embora trabalhando com números bastante diferentes. Prossegue, contudo, a importação do produto de estados vizinhos, para o abastecimento de Fortaleza.

Nos demais estados nordestinos, a situação da safra é boa, devendo concretizar-se as expectativas quanto ao volume final da oferta. Na região, o feijão tipo macaçár vem registrando preços em torno do preço mínimo e o mulatinho, um pouco melhores. Na Bahia, devido aos preços baixos, a CFP e as cooperativas têm-se esforçado para levar ao interior o preço mínimo oficial.

Na safra das águas, em que o maior peso está nos estados do Centro-Sul, a situação não foi diferente, com uma grande oferta e preços baixos. No Paraná, principal produtor da safra, houve problemas no plantio e na comercialização (ver **Agroanalysis**, vol. 6, nº 2). Segundo o Departamento de Economia

QUADRO 4

FEIJÃO: Evolução dos Preços Médios Recebidos pelos Produtores de Estados Selecionados — Safra 1981/82 — Cr$ 60 kg

	FEIJÃO PRETO			
	Paraná	Santa Catarina	Minas Gerais	Rio Grande do Sul
Janeiro	2.896,38	3.519,67	3.755,00	3.355,48
Fevereiro	3.038,60	3.447,67	4.233,33	3.319,08
Março	3.177,00	–	–	3.402,50
Abril	3.176,00	3.545,33	3.750,00	3.402,50
Maio	3.488,10	4.165,89	3.739,58	3.625,31
Junho	4.084,60	4.389,37	4.396,66	4.130,00
Julho	4.208,97	4.454,50	4.569,58	3.962,50
Agosto*	4.261,45	4.485,61	4.593,33	3.700,00

	FEIJÃO DE CORES			
	Paraná	Bahia	Minas Gerais	São Paulo
Janeiro	2.758,34	5.812,50	5.166,67	4.144,44
Fevereiro	2.764,44	4.477,77	4.922,22	3.916,67
Março	3.166,46	4.533,33	4.620,00	4.148,33
Abril	3.181,98	4.420,83	4.066,67	4.375,00
Maio	3.435,58	4.154,17	4.102,08	4.962,50
Junho	4.004,00	3.800,00	4.813,33	5.278,33
Julho	4.755,00	3.845,33	4.839,58	5.477,08
Agosto*	5.500,00	3.300,00	4.916,67	5.200,00

* até 20/8/82.
FONTE: Centro de Informação de Mercado Agrícola.

Rural daquele estado, 1981 foi o ano em que a paridade entre os preços recebidos e os preços pagos pelos produtores de feijão paranaenses esteve mais favorável nos últimos três anos (os índices para 1979 e 1980 foram 70 e 78, respectivamente e o de 1981, 160). Contudo, ajustando-se os preços pagos pelos agricultores (ver **Agroanalysis**, vol, 6, nº 6) de acordo com a tendência de produtividade no estado, observa-se que o ano em que os produtores teriam obtido melhor rentabilidade, foi o de 1980, com uma queda a partir de então. Cabe destacar o fato de que, também no Paraná, o feijão é uma lavoura típica de pequenas propriedades, o que, mediante o emprego de mão-de-obra familiar (a mão-de-obra é o principal componente dos custos de produção, com até 28% de sua formação) permite aos produtores operar com custos reduzidos e suportar um mercado deprimido.

Também em São Paulo os preços estiveram baixos. No momento, está ingressando no mercado paulista o produto da safra de inverno, a terceira safra, ou "safrinha", avaliada em 50 mil t. As cotações para o feijão desta safra são superiores, com o carioquinha atingindo entre Cr$ 5.000,00 e Cr$ 5.500,00 nas zonas de produção. A presença deste novo produto acarretou menor remuneração ao feijão da seca, verificando-se preços entre Cr$ 4.500,00 e Cr$ 5.500,00, em nível de produtor e entre Cr$. . . 5.500,00 e Cr$ 6.000,00, no atacado.

Mesmo com a vigência, praticamente generalizada, de preços próximos ao preço mínimo oficial,

o plantio da safra das águas 1982/83 já foi iniciado, havendo a expectativa, por parte do governo federal, de que a extensão do cultivo da leguminosa supere em até 5% a área da safra 1981/82. Talvez seja uma avaliação um tanto prematura e, possivelmente, otimista. No entanto, considerando-se as peculiaridades do cultivo do feijão, cujos produtores podem fazer frente a preços considerados baixos, e a favorabilidade dos instrumentos de política agrícola, não será surpreendente sua consecução. Ainda mais quando se observam os mercados de outras lavouras, como a do milho, no qual o governo federal também deverá ser o principal comprador, e o da soja. O Quadro 5 apresenta os preços básicos estabelecidos em julho e projeta os preços mínimos dos principais grãos da safra de verão.

Não é possível garantir que o governo federal pretenda arcar por muito tempo com o ônus da manutenção de grandes estoques de feijão, dos quais têm-se procurado descartar, apesar da oferta volumosa. No entanto, caso se verifique a ampliação da área cultivada, anteriormente citada, e o clima colabore, mais uma vez os armazéns se abarrotarão com as aquisições governamentais. Deste modo, pelo menos no que se refere ao consumidor final do produto, as preocupações poderão diminuir. Afinal, os preços atuais no varejo dos principais centros urbanos persistem em níveis inferiores aos do mesmo período de 1981 (ver Quadro 6) e, caso as vendas do governo mantenham-se como até o momento, tal situação se repetirá, em 1983.

QUADRO 5

PRODUTOS SELECIONADOS: Preços Básicos, Preços Mínimos Projetados e Estimativas da Remuneração Mínima** e do Custo de Produção, no Paraná e na Região Centro-Sul — Safra 1982/83*

Produto	Preço básico	Preço mínimo projetado	Remuneração mínima/ha (A)	Custo de produção (B) no Paraná	A/B
Amendoim	1.222,00	1.735,24	107.724,32	94.770,51	1,14
Arroz	1.900,00	2.698,00	92.055,76	81.156,10	1,13
Feijão	5.985,00	7.128,00	84.585,60	55.878,65	1,51
Milho	1.392,00	1.976,64	70.491,60	81.132,35	0,87
Soja	1.800,00	2.556,00	65.433,60	87.994,90	0,74

*considerando-se um INPC de 19% para o feijão e de 42% para as demais culturas.
** considerando-se a produtividade média do Centro-Sul, na safra 1981/82, da CFP.
FONTE: CFP, FIBGE, Deral/PR.

QUADRO 6

*FEIJÃO PRETO — Evolução dos Preços no Varejo de Alguns dos Principais Centros Consumidores — Cr$/kg — Janeiro a Agosto de 1981 * e de 1982*

Meses	Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Curitiba	
	1981	1982	1981	1982	1981	1982	1981	1982
Janeiro	145,99	95,72	240,16	103,36	195,66	93,55	198,06	80,23
Fevereiro	149,88	98,96	200,98	100,13	164,91	88,72	161,67	84,02
Março	167,54	102,57	190,41	100,68	163,39	88,74	154,73	85,64
Abril	200,96	95,68	225,28	99,61	187,86	95,75	179,99	80,95
Maio	235,60	106,91	231,75	107,37	207,23	99,14	192,82	90,59
Junho	241,00	106,23	246,44	113,18	255,22	102,79	213,02	90,80
Julho	230,33	81,67	237,00	118,67	224,35	94,67	200,11	102,00
Agosto**	234,20	68,33	236,16	109,33	218,41	89,00	217,60	–

* corrigido mês a mês, para 1982, pelo IGP, coluna 2, de Conjuntura Econômica.
** em 1982, até 20/8.
FONTE: Centro de Informação de Mercado Agrícola.